

As juventudes como esperança eclesiológica: de Medellín a Santo Domingo

*Youth as ecclesiological hope:
from Medellín to Santo Domingo*

Gislene Danielski*

Resumo

Conforme constata o documento final do Sínodo dos Jovens: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, a Igreja experimenta em nossos tempos a necessidade de repensar sua maneira de transmitir a fé às novas gerações.¹ J. Moingt nos diz que essa dificuldade é concreta e precisa ser superada, pois “a única tarefa que importa é deixar passar o Reino de Deus empurrado para frente pelo sopro do Evangelho”.² Esse quadro preocupa a Igreja desde tempos anteriores, como poderemos perceber se recorrermos a textos de Paulo VI, como por exemplo, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, ou mesmo a Encíclica *Redemptoris Missio* de João Paulo II, dentre outros documentos do Magistério. Veremos neste artigo que também as conferências episcopais latino-americanas, posteriores ao Concílio Vaticano II, trouxeram os jovens para as suas discussões. O intuito central é mostrar como, através dos documentos de Medellín, Puebla e Santo Domingo, os jovens foram apontados como esperança da Igreja pós-conciliar e também como desafio para a evangelização.

Palavras-chave: Jovens. Esperança. Medellín. Puebla. Santo Domingo.

Abstract

According to the final document of the Youth Synod states: “Young people, faith and vocational discernment”, the Church experiences in our times

* Artigo submetido em 21/03/19 quando a autora ainda era doutoranda na PUC-Rio.

¹ SÍNODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 19.

² MOINGT, J., Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento de Deus, p. 9.

the need to rethink the way we transmit faith to the new generations. J. Moing tells us that this difficulty is concrete and needs to be overcome because “the only task that matters is to let the Kingdom of God pass by the breath of the Gospel”. This has been a matter of concern to the Church since ancient times, as we can see from the texts of Paul VI, such as the Apostolic Exhortation *Evangelii Nuntiandi*, or even the Encyclical *Redemptoris Missio* of John Paul II, among other documents of the Magisterium. We will see in this article that also the Latin American episcopal conferences, subsequent to the Second Vatican Council, have brought young people to their discussions. The central aim is to show how, through the documents of Medellín, Puebla and Santo Domingo, the young people were pointed out as the hope of the post-conciliar Church and also as a challenge for evangelization.

Keywords: Youths. Hope. Medellín. Puebla. Santo Domingo.

Introdução

Em outubro de 2018 a Igreja concluiu o Sínodo dos Jovens, deixando à toda a comunidade eclesial importantes legados, dentre os quais um documento específico que pode tornar-se um belo instrumento para a missão junto às juventudes: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. O documento sinodal nos dirá da necessidade de uma Igreja regada pelo testemunho de santidade de seus filhos e filhas, para poderem assim colaborar com as novas gerações:

Ser santos, para poder convidar os jovens a sê-lo. Os jovens pediram, em voz alta, uma Igreja autêntica, luminosa, transparente e jubilosa: só uma Igreja de santos pode estar à altura de tais pedidos! Muitos jovens deixaram-na, porque nela não encontraram santidade, mas mediocridade, presunção, divisão e corrupção. [...] Os jovens têm necessidade de santos que formem outros santos, mostrando assim que “a santidade é o rosto mais belo da Igreja” (Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 9). Há uma linguagem que todos os homens e mulheres de todos os tempos, lugares e culturas podem compreender, porque é imediata e luminosa: é a linguagem da santidade.³

O processo sinodal evidenciou o imperativo de uma atenção sempre renovada às novas gerações. A ênfase dada ao processo de discernimento

³ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 166.

vocacional trouxe consigo a necessidade de um novo vigor e qualificado preparo aos que se dedicam a essa missão na Igreja. Como vimos, os próprios jovens, ainda nos trabalhos sinodais, manifestaram o desejo de serem alcançados pelo testemunho de homens e mulheres que, de fato, vivam Cristo em suas realidades cotidianas. No entanto, neste caminho, precisamos ter clareza a respeito da verdadeira identidade cristã a ser vivida e, conseqüentemente reconhecida, como autêntico testemunho de Cristo em meio a humanidade. Tal clareza se faz mister, para que as propostas apresentadas as juventudes sejam coerentes com aquela que é a Esperança da Igreja: Jesus Cristo.⁴

Vemos que se trata de um pedido que nasce dos próprios jovens, um desafio para aqueles que são chamados a se colocarem ao lado das juventudes na missão de seus “irmãos mais velhos”, cuja responsabilidade está em auxiliá-los no caminho de um encontro autêntico com Deus e com os Irmãos, o que “significa aprender o estilo de Jesus, que passa pelos lugares da vida diária, se detém sem pressa e, olhando para os irmãos com misericórdia, os conduz ao encontro com Deus Pai”.⁵

O pontificado do Papa Francisco nos convida a um olhar de gratidão pelo percurso que a Igreja na América Latina fez, desde o Concílio Vaticano II,⁶ até os tempos atuais, no que diz respeito a caminhada junto às juventudes: no olhar de esperança que tem para com os jovens e o empenho em testemunhar-lhes a Esperança Cristã, que é o próprio Cristo. Neste artigo daremos ênfase às Conferências Episcopais Latino Americanas de Medellín, Puebla e Santo Domingo, buscando evidenciar em cada uma a maneira como dedicou-se aos jovens e o legado deixado para a comunidade eclesial. Veremos que todas, de forma direta e indireta, referiram-se às juventudes, inclusive trazendo-os para o centro das reflexões e ações, ao declará-las como “opção preferencial da Igreja”. Com isso, vemos que o caminho de interesse da Igreja, Mãe e Pastoral, por seus filhos e filhas mais jovens, está presente ao longo da história, e o pontificado do Papa Francisco é uma forte motivação para que esse olhar eclesial seja sempre mais resgatado e valorizado em todas as dimensões da comunidade de fé.

⁴ Podemos aprofundar o tema no artigo de Dom Joel Amado: AMADO, J. P., Aspectos antropológicos para a evangelização junto às juventudes, p. 39-61.

⁵ FRANCISCO, PP., Discurso aos participantes no congresso internacional da pastoral vocacional.

⁶ DANIESLKI, G., O jovem, locus teológico da esperança cristã, no Pontificado do Papa Francisco, p. 113-134.

1. O jovem na Conferência de Medellín

Iniciamos nossa exposição dirigindo-nos diretamente ao documento de Medellín. Esta conferência acontecida no ano de 1968 foi a aplicação do Concílio Vaticano II na América Latina. Paulo VI no discurso de abertura dessa conferência deixa-nos certos de que o caminho ainda está inacabado, com limites e novas necessidades. Para o Pontífice, o futuro reclama esforço e audácia, e vem desinstalar a Igreja e causar-lhe até mesmo profundas angústias.⁷ Mediante tal constatação, Paulo VI não hesitou em apontar para um dos grandes interesses da Igreja naquele momento: “Baste-vos saber que os consideramos [os jovens] dignos do maior interesse e de grandíssima atualidade. Disso estais todos vós perfeitamente convencidos”.⁸

Os jovens fizeram parte das reflexões que constituíram a conferência de Medellín. Foram reconhecidos como contribuição positiva para a construção de uma sociedade mais justa, cuja valorização era necessária também dentro da Igreja. Diante de todo o seu desenrolar, Medellín mostrou-se como o momento em que se podia alimentar a esperança do amanhecer de um novo tempo, um mundo de paz, onde o Amor do Pai manifestado no Filho e difundido em nossos corações pelo Espírito Santo levaria a humanidade a ações interessadas no bem comum, o que interpretamos como esperança do Reino para todas as gentes.

Segundo Medellín, os jovens viviam num contexto de dificuldades, numa época de crises e mudanças que inclusive seriam causas de conflitos entre as gerações.⁹ Dentro dessa realidade, a conferência percebe que a insatisfação dos jovens crescia a cada momento diante do mundo construído por seus pais.¹⁰ Apresenta-nos os jovens como ousados sonhadores, que não se conformavam com o mundo. Nisso vemos as raízes de uma esperança verdadeira, que não se conforma com um mundo corrompido, destruído pelo pecado, distanciado de Deus, mas, o quer sempre em construção, em vista da eternidade; uma esperança ousada, que não se deixa convencer pelos poderes estabelecidos, e que “vai à luta” por dias melhores para si e para todos, por acreditar na plenitude da vida que vem de Deus. Sua constatação é que a “atitude religiosa da juventude se caracteriza por recusar uma imagem desfigurada de Deus”¹¹ que muitas vezes lhes é apresentada pelas gerações anteriores, assim como pela

⁷ PAULO VI, PP., Discurso na abertura da segunda conferência.

⁸ PAULO VI, PP., Discurso na abertura da segunda conferência.

⁹ DM, Juventude, 1-5.

¹⁰ DM, Juventude, 3.

¹¹ DM, Juventude, 4.

busca dos autênticos valores evangélicos que nem sempre são visibilizados pelo testemunho daqueles que os proclamam.

A Conferência de Medellín constatou que também os jovens não se consideravam Igreja atuante, acabando por identificar a Igreja com os bispos e os sacerdotes, e afirma:

Por não terem sido chamados a uma plena participação na comunidade eclesial, não se consideram como integrantes da Igreja. A linguagem comum da transmissão da palavra (pregação, documentos pastorais, etc), são-lhes muitas vezes estranhos e por isso não têm influência em suas vidas. [...] Esperam dos pastores que não só divulguem princípios doutrinários, mas que os provem com atitudes e realizações concretas.¹²

Estamos diante de uma parcela da sociedade que pede à Igreja que seja sempre mais coerente em suas ações, que não apenas proclame o evangelho com suas palavras, mas com sua atuação em meio à humanidade, com seu testemunho de amor e misericórdia entre os povos. Não participar diretamente desta dinâmica, não serem respeitados como Igreja, povo de Deus, como membros do Corpo Místico de Cristo, os faz sentirem-se desligados e até mesmo desinteressados dessa missão. A Igreja reconhece que seus jovens necessitam ser incluídos de maneira mais direta em seus projetos, uma vez que a distância com que foram sendo posicionados ao longo dos tempos possibilitou certo esfriamento na participação juvenil. Reconhecer a necessidade de maior proximidade é uma porta que se abre para a própria Igreja no relacionamento com os jovens, assumindo-os não simplesmente como receptores do processo de evangelização, mas como membros aptos a participarem ativamente do projeto do Reino de Deus.

Medellín nos lembrará, apoiado na carta de Paulo VI direcionada aos jovens no término do Concílio Vaticano II, que “a Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade e descobre nela um sinal de si mesma”.¹³ Nossa Igreja vê nos jovens o contínuo recomeço e persistência da vida, vê neles uma forma de superação das estruturas de morte que os cercam diariamente e que atingem a sociedade como um todo. Ver, em meio a uma cultura de morte, a prevalência da vida, é sinal da grande esperança que a Igreja deposita nas juventudes. Uma esperança que ultrapassa os ditames da mera moralidade, pois compreende que por detrás de muitos comportamentos está o desejo e o empenho por uma vida mais digna dos filhos e filhas de Deus. A

¹² DM, Juventude, 5.

¹³ PAULO VI, PP., Mensagem aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II.

postura condenatória que rodeia nossos conceitos acerca das novas gerações urge por ser superada por uma postura acolhedora e misericordiosa, que vê em cada um a imagem do próprio Deus que faz morada em suas criaturas. Com Medellín entendemos que,

A juventude está sendo chamada a trazer uma revitalização; a manter uma “fé na vida” a conservar sua “faculdade de se alegrar com o que começa”. Ela tem a tarefa de reintroduzir constantemente o “sentido da vida”. Renovar as culturas e o espírito significa trazer e manter vivos novos sentidos de existência. A juventude está, pois, chamada a ser perene “reatualização da vida”.¹⁴

Nos jovens a Igreja percebe o sinal de si mesma. Chamam à vivência da fé em uma realidade concreta, encarnada em meio à humanidade, partindo do trato de amizade com Jesus Cristo e, por isso, crescendo em fidelidade à sua missão. É o próprio Deus quem revela a sua imagem em um corpo, é Deus que nasce na novidade de uma presença corporal no meio da humanidade.¹⁵ Revelação que não pode perder-se no estático, que necessita ser encarnada na vida dos povos de todos os tempos, assim como soube adaptar-se às mais diversificadas¹⁶ situações das primeiras comunidades cristãs. Queremos assim afirmar que Medellín soube compreender e destacar que a novidade que nasce da ação do Espírito e que move a Igreja em sua missão, está intimamente vinculada às realidades enfrentadas pelos jovens de todos os tempos. Sabemos que é com eles que muitas vezes emergem os desafios, é neles que ouvimos os gritos dos povos clamando por mudanças,¹⁷ mesmo que muitas vezes se trate de gritos provocados pelos sofrimentos que advém das posturas assumidas pelas gerações precedentes,¹⁸ ou gritos silenciados pelo ópio de um sistema que os coloca como alvos para a concretização de seus obscuros objetivos.

Medellín alerta a Igreja para a necessidade de uma atitude acolhedora para com os jovens, não ignorando seus aspectos positivos ou negativos, mas colaborando com o discernimento que lhes seja necessário. A conferência afirma: “a Igreja quer aceitar com prazer em seu seio e em suas estruturas a juventude e promovê-la numa ativa participação das tarefas humanas e

¹⁴ DM, Juventude, 11.

¹⁵ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento de Deus, p. 39.

¹⁶ Para aprofundar essa temática podemos recorrer à obra de MOINGT, J., Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento de Deus, p. 82-83, quando o autor trata de Pedro e Paulo ressaltando suas diferenças no anúncio do evangelho.

¹⁷ DM, Juventude, 3.

¹⁸ DM, Juventude, 1.

espirituais”.¹⁹ Para isso cabe à própria Igreja alimentar nos jovens os verdadeiros valores evangélicos. Melhor dizendo, não apenas alimentar, mas fazê-los reconhecer esses valores que estão na sua própria realidade juvenil e que precisam ser despertados e nutridos de forma que sejam sempre mais encarnados em sua vivência.

A conferência de Medellín nos aponta para uma Igreja interessada no diálogo com as juventudes, não só por reconhecer nela sua força numérica, mas principalmente seu papel decisivo na missão profética que lhe cabe.²⁰ Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o Papa Paulo VI fala de sua preocupação com os jovens:

As circunstâncias nos convidam a dedicar uma atenção toda especial aos jovens. O seu aumento numérico e a sua presença crescente na sociedade, os problemas que os assaltam devem despertar em todos a preocupação de oferecer-lhes, com zelo e com inteligência, o ideal evangélico.²¹

A Igreja convida todos a se dedicarem às novas gerações, a empenharem-se no trabalho de evangelização, para oferecer-lhes uma vida mais digna e um futuro sempre mais alicerçado em Deus, na salvação eterna. Dentre tantas outras orientações que a conferência dá para o relacionamento da Igreja com os jovens, destacamos a necessidade de proporcionar sólida formação humana e cristã, o sincero e permanente diálogo dos ministros com as juventudes e o constante apoio aos movimentos juvenis.²²

Compreendemos que Medellín, em seus objetivos, direcionou-se aos jovens como fonte de esperança para a Igreja, pois ao reconhecer seus valores abre espaço para que as juventudes possam vivenciar suas realidades em favor da própria comunidade eclesial e da humanidade. Lembramos que essa vivência precisa ser cultivada a partir do Batismo recebido, da conformidade a Cristo, e não a partir de ideologias ou simples altruísmos sociais, que podem colaborar para o distanciamento do jovem da própria Igreja e até mesmo de seu verdadeiro relacionamento com Deus.

A conferência destaca valores juvenis que podem exercer grande influência na vida comunitária, e apresenta um conjunto de valores no plano destas relações: “certas formas de responsabilidade, desejo de autenticidade e de sinceridade, uma aceitação dos outros tais como são e um franco

¹⁹ DM, Juventude, 13.

²⁰ DM, Juventude, 13.

²¹ EN 72.

²² DM, Juventude, 13-20.

reconhecimento do caráter pluralista da sociedade”.²³ Essa afirmação nos revela que Medellín compreendeu a importância das juventudes para a Igreja. Por meio dos jovens a vida comunitária pode se revitalizar, tornar-se mais verdadeira, menos preconceituosa e excludente e, possivelmente, mais comprometida com os valores evangélicos, principalmente com a solidariedade que provém de sua aguçada sensibilidade.²⁴ Os jovens trazem para a Igreja um renovado vigor, uma força de ação que, quando parte de seu encontro com Cristo, contribui profundamente para a vivência do Reino.

Certamente a conferência reconheceu neles deficiências e potencialidades²⁵ que necessitam ser olhadas com verdadeiro interesse e efetiva dedicação eclesial, assumindo-os em todas as suas realidades como membros do Corpo de Cristo, com uma missão específica na comunidade. Sua preocupação estendeu-se também às necessidades dos jovens, reconhecendo a existência do conflito entre as diversas gerações,²⁶ o que chama todos ao diálogo. Percebemos com interesse o posicionamento de Medellín ao reconhecer a diversidade das realidades juvenis, principalmente quando afirma:

Enquanto um setor da juventude aceita passivamente as formas burguesas da sociedade [...], outro rejeita com marcado radicalismo o mundo que seus pais construíram, por considerar seu estilo de vida carente de autenticidade; rejeita igualmente uma sociedade de consumo que massifica e desumaniza o homem. Essa insatisfação cresce de momento a momento.²⁷

Isso nos permite acreditar que a Igreja está em um processo de reconhecimento e acolhimento dos mais variados grupos juvenis, o que a chama a abandonar posturas estáticas e deixar-se conduzir pela dinamicidade do Espírito que a faz capaz de anunciar a esperança cristã em todas as realidades onde possa estar a humanidade, e em nosso caso, precisamente às juventudes em suas mais variadas situações, trabalhando para chegar às suas realidades interiores e exteriores, dando-lhes um testemunho coerente de amor a Cristo que se revela no amor a humanidade, ultrapassando esquemas ideológicos que tantas vezes confundem a verdadeira caridade cristã.²⁸ Nesta reflexão contamos

²³ DM, Juventude, 9.

²⁴ DM, Juventude, 4.

²⁵ DM, Juventude, 1-9.

²⁶ DM, Juventude, 1-3.

²⁷ DM, Juventude, 3.

²⁸ Elizeu da Conceição, em seu artigo “Juventudes e Discernimento Vocacional: breve reflexão sobre o Sínodo dos Bispos na perspectiva da antropologia vocacional”, nos ajuda a refletir, a

com a colaboração de M. F. Miranda, que afirma que, “Querer manter a mesma modalidade de pastoral evangelizadora quando o cenário já pede outra, acaba revelando uma solução cômoda, mas enganosa e ineficaz, gerando uma crise na transmissão da fé”.²⁹ Com a *Humanae Salutis* reafirmamos nossa esperança em uma Igreja sempre viva e sempre jovem:

Será esta uma demonstração da Igreja, sempre viva e sempre jovem, que sente o ritmo do tempo e que, em cada século, se orna de um novo esplendor, irradia novas luzes, realiza novas conquistas, permanecendo, contudo, sempre idêntica a si mesma, fiel à imagem divina impressa em sua face pelo esposo que a ama e protege, Jesus Cristo.³⁰

Concluimos este tópico com a firme convicção de que Medellín nos revela uma Igreja aberta às novas realidades, aos sinais dos tempos, disposta a permitir que a Revelação continue sendo compreendida em um contexto real onde toda a humanidade, e em nosso olhar, especialmente os jovens, possam ser sujeitos no anúncio da esperança cristã, e, ao mesmo tempo, objetos dessa esperança que move a Igreja desde seus primórdios. Os jovens são uma força excepcional e um grande desafio para o futuro da Igreja, e é nos jovens que a Igreja lê o seu caminho para o futuro.³¹

Na sequência veremos como a conferência episcopal de Puebla direciona-se aos jovens.

2. O jovem na Conferência de Puebla

Dirigindo-se aos participantes da terceira conferência episcopal latino-americana, acontecida em Puebla no ano de 1979, João Paulo II assim referiu-se às juventudes:

partir do atual contexto eclesial, sobre a necessidade de uma maior compreensão da dimensão antropológica da vocação, na compreensão de que o “chamado”, conforme reiterou o Sínodo dos Jovens, envolve a pessoa como um todo e a leva a assumir na vida cotidiana aqueles que são os valores próprios do autêntico seguimento de Cristo. Logo, para que se estabeleça um diálogo mais frutuoso com as pastorais juvenis da Igreja, é importante a compreensão que “todo o jovem é provocado no seu próprio interior e tal provocação, que exige uma resposta pessoal, nasce de apelos interiores, independentes das escolhas pessoais. O modo de responder a estas provocações é um desafio constante e permanente para o jovem. Essa dimensão dos apelos e respostas dizem respeito também aos agentes pastorais, que tem a função de orientar e sustentar as escolhas e decisões de vida dos jovens”. CONCEIÇÃO, E., *Juventudes e Discernimento Vocacional*, p. 135-146.

²⁹ MIRANDA, M. F., *Em vista da nova evangelização*, p. 15.

³⁰ HS 7.

³¹ CfL 46.

Quanta esperança a Igreja nela coloca! Quantas energias circulam na juventude da América Latina, de que a Igreja necessita. Como devemos estar próximos dela, nós Pastores, para que Cristo e a Igreja, para que o amor do irmão cale profundamente em seu coração.³²

As palavras do Pontífice nos abrem horizontes de esperança diante das realidades juvenis e seu entrosamento com o cristianismo. Não podemos crer que a Igreja deixe desamparada essa porção da humanidade que constitui as bases de seu próprio futuro, seja em sua dimensão de acolhimento ou de expansão. Sentimos atual o seu apelo aos bispos, de que estejam inseridos nas realidades juvenis, pois, somente assim, poderão conhecer verdadeiramente as situações que envolvem as juventudes e pensar concretamente nas alternativas a serem propostas para que o encontro com Jesus Cristo aconteça em suas vidas, inclusive na vida daqueles que pelos mais diversificados motivos encontram-se distantes do cristianismo. Acreditamos que o autêntico testemunho cristão seja capaz de despertar nas juventudes o desejo do encontro com Jesus Cristo e que faça emergir no coração de muitos a consciente adesão pelo seguimento do Senhor.

As particularidades de cada momento da história necessitam ser colocadas em evidência no anúncio da boa nova cristã, bem como as peculiaridades de cada grupo juvenil, se de fato a Igreja tem intenção de dirigir-se a todos os jovens como esperança para si e como filhos e filhas à Ela confiados pelo Senhor. Sabemos “que a proclamação da fé jamais se dirige ao ser humano em geral, pois este nunca existiu, porém sempre a homens e mulheres vivendo numa época histórica e numa sociedade concreta”,³³ e esse entendimento está evidenciado na preocupação do Pontífice ao pedir que a Igreja esteja próxima dos jovens, pois, assim irá conhecê-los e conhecendo-os saberá como amá-los e testemunhar-lhes seu evento fundante, Jesus Cristo. O Concílio Vaticano II exortou seus episcopos a estarem ao lado da humanidade, dizendo: “é dever da Igreja estabelecer o diálogo com a sociedade humana na qual vive, é principalmente tarefa dos Bispos irem ao encontro dos homens, procurarem e promoverem o diálogo com eles”.³⁴

Foi com essa responsabilidade que os bispos latino-americanos se colocaram a serviço na terceira conferência. Olharam para os jovens como futuro da Igreja e apresentaram sua opção preferencial pelos mesmos. Essa

³² JOÃO PAULO II, PP., Discurso inaugural pronunciado no seminário palafoxiano de Puebla de Los Angeles.

³³ MIRANDA, M. F., Em vista da nova evangelização, p. 14.

³⁴ CD 13.

conferência, aponta ainda, para o rosto de Cristo visível nas feições concretíssimas do sofrimento do povo, das quais, dentre outras, destaca as feições dos jovens, desorientados por não terem um lugar na sociedade e também frustrados pela falta de oportunidades de capacitação e de ocupação.³⁵ Essa constatação não permite que a Igreja de Puebla, assim como a Igreja dos tempos atuais, fique indiferente às necessidades das juventudes.

A realidade torna-se um apelo aos bispos e a toda a Igreja, para que abra cada vez mais espaço aos jovens. A consciência de que se relaciona não apenas com uma modalidade juvenil³⁶ faz com que a conferência esteja aberta aos desafios advindos dos mais variados contextos em que se encontram os jovens, possibilitando maiores condições no processo de aproximação com esses seus “preferidos”. É do meio das novas gerações que a Igreja espera seus servidores, sejam eles cristãos leigos, consagrados ou ordenados. João Paulo II, em seu discurso inaugural, diz: “É mister reativar uma intensa ação pastoral que, partindo da vocação cristã em geral, duma pastoral juvenil entusiasta, dê à Igreja os servidores de que precisa”.³⁷

No momento queremos enfocar de maneira especial o posicionamento de Puebla em sua opção preferencial pelos jovens. O capítulo II, da quarta parte das conclusões da conferência, elucida qual o seu interesse em relação aos jovens: “Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação”.³⁸ Parece-nos que, em Puebla, a Igreja, assim como o Mestre, rerepresenta seu compromisso de amar os jovens antes de pedir seu amor, de responsabilizar-se por eles antes de pedir que sejam seu futuro, dando-se a eles antes que possam dar de si na missão de evangelizadores. Afirmamos isso ao vermos o interesse da Igreja em apresentar Cristo aos jovens, cuidando da iniciação cristã daqueles que, pelo Batismo, foram enxertados no Corpo Místico do Senhor. Cremos na eficácia de um anúncio gratuito que vise a proclamação do amor misericordioso de Deus para com todos, pela salvação da humanidade. Entendemos que apresentar Deus, a partir de Jesus Cristo, não significa impô-lo, mas fazê-lo conhecido e amado pelos jovens, como resposta ao amor de Deus que lhes antecede e escolhe para um profundo encontro de Amizade. Essa postura faz com que a Igreja esteja onde se encontram os jovens,

³⁵ DP 32-33.

³⁶ DP 95.

³⁷ JOÃO PAULO II, PP., Discurso inaugural, IV.

³⁸ DP 1166.

com seus valores e desafios, despertando, pelo testemunho, a possibilidade de novas experiências cristãs.

Segundo Puebla, a ausência do diálogo, entre adultos e jovens, faz perecer a sociedade, pois, ao perceberem que não são levados a sério, se lançam por diferentes caminhos, nem sempre promissores para si e para os demais. Reconhece ainda que, grande parte do mundo adulto, apresenta-se aos jovens como hipócrita e manipulador, o que os desorienta e os deixa a mercê de muitos perigos que o mundo lhes impõe. A conferência ainda tratará de diversos outros aspectos da realidade juvenil, apontando para suas fragilidades e necessidades de cuidado e fortalecimento, porém, acolhendo suas diversidades e reconhecendo às mais variadas situações que compõem esse mosaico, o que favorece maior proximidade³⁹ com estes que são membros do Corpo do Senhor. Com veemência afirma: “A juventude da América Latina não pode ser considerada em abstrato. Há diversidade de jovens, caracterizados por sua situação social ou pelas experiências sociopolíticas que vivem”.⁴⁰

Em diversos momentos a Igreja afirma ver nas juventudes uma enorme força renovadora, que é símbolo de si mesma. Puebla nos indica que um “serviço prestado com humildade à juventude deve fazer com que mude na Igreja qualquer atitude de desconfiança ou incoerência para com os jovens”,⁴¹ trazendo-os para o centro das discussões e preocupações de nossos espaços eclesiais, com vistas à salvação de cada um e a uma crescente participação na vida da comunidade. Muitos deles amam a Igreja e querem fazer parte de sua trajetória. Outros não apresentam interesse por estarem inseridos na vida eclesial, e tão pouco estão interessados em assumir uma ou outra religião. Essa realidade nos alerta para o fato que “os jovens desejosos de se realizar na Igreja podem ficar frustrados por não encontrarem uma boa planificação e programação pastoral que corresponda à realidade histórica em que vivem”,⁴² o que se torna um desafio para toda a comunidade eclesial que é convocada a abrir-se para bem acolher e incentivar esses irmãos na fé.

Compreender que “a Igreja contempla com otimismo e profunda esperança a juventude”⁴³ é um caminho proposto pela conferência para estreitar os laços com os grupos juvenis da década de 1970 e certamente muito válida para os tempos atuais, como poderemos ver a partir da quinta conferência. Os

³⁹ DP 1176-1177.

⁴⁰ DP 1175.

⁴¹ DP 1178.

⁴² DP 1181.

⁴³ JOÃO PAULO II, PP., Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de “Miguel Angel”, 2.

jovens necessitam se sentirem amados e acolhidos pela Mãe Igreja, de maneira que, possam prosseguir pelos caminhos de uma perene conversão e renovado encontro com o Senhor. No entanto, somente com os olhos fixos em Jesus e com um testemunho credível a comunidade eclesial poderá suscitar no coração das novas gerações o desejo de aproximar-se de Cristo e acolher sua Amizade como “Princípio e Fim” para toda a vida. São João Paulo II lembrará: “Recordai sempre que só se vos apoiáis, como diz São Paulo, sobre o único fundamento que é Jesus Cristo (1Cor 3,11), podereis construir algo de verdadeiramente grande e duradouro”.⁴⁴

Puebla veio com o intuito de dar uma resposta à situação das juventudes, embasada nos critérios de verdade propostos por João Paulo II:

Com a vivacidade que é própria dos vossos anos, com o entusiasmo generoso do vosso coração, caminhai ao encontro de Cristo: só Ele é a solução de todos os vossos problemas; só Ele é o caminho, a verdade e a vida; só Ele é a verdadeira salvação do mundo; só Ele é a esperança da humanidade.⁴⁵

Trata-se de apresentar aos jovens a Verdade que é Jesus Cristo, a verdade sobre a missão da Igreja e a verdade sobre o homem.⁴⁶ É o próprio Cristo quem caminha em direção aos jovens e é para Ele que João Paulo II aponta:

Procurai a Jesus, esforçando-vos por conseguir uma fé pessoal profunda que informe e oriente toda a vossa vida; mas, sobretudo, que o vosso compromisso e o vosso programa sejam amar a Jesus, com um amor sincero, autêntico e pessoal. Ele deve ser vosso amigo e vosso apoio no caminho da vida. Só Ele tem palavras de vida eterna (Jo 6,68).⁴⁷

Percebemos aqui a preocupação do Pontífice em apresentar aos jovens aqu’Ele que é o fundamento de suas vidas, o único capaz de dar sentido às suas esperanças, às suas lutas, aos seus sonhos e também aos seus medos e desilusões. Somente a partir da experiência de acolhimento e misericórdia que o Senhor derrama sobre seus filhos e filhas, os jovens, assim como toda a

⁴⁴ JOÃO PAULO II, PP., Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de “Miguel Angel”, 2.

⁴⁵ JOÃO PAULO II, PP., Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de “Miguel Angel”, 3.

⁴⁶ DP 1182.

⁴⁷ JOÃO PAULO II, PP., Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de “Miguel Angel”, 3.

humanidade, poderão prosseguir com determinação pelas veredas do Evangelho, até que possam viver Cristo em suas vidas. Puebla nos lembrará que: “Embora não se dê conta disso, a juventude vai ao encontro de um Messias, Cristo, o qual caminha em direção dos jovens. Somente ele torna o jovem verdadeiramente livre”.⁴⁸ Isto é, a iniciativa do encontro é do Senhor, Ele é fiel e seu Amor é quem dá condições para que cada jovem caminhe em direção a sua real liberdade. A conferência propõe aos jovens a amizade de Cristo, uma amizade segura, que abre perspectivas de futuro, pois na terra aponta para a plenitude e conduz por caminhos que levam à eternidade. O Pontífice alimenta nos jovens um caminho de esperança:

A vossa sede de absoluto não pode ser saciada pelos resultados de ideologias que levam ao ódio, à violência e ao desespero. Só Cristo, procurado e amado com amor sincero, é fonte de alegria, de serenidade e de paz. Mas, depois de se haver encontrado a Cristo, depois de se ter descoberto quem Ele é, não se pode deixar de sentir a necessidade de o anunciar. Sabei ser testemunhas autênticas de Cristo; sabei viver e proclamar, com atos e com palavras, a vossa fé. Vós, queridíssimos jovens, deveis ter a ânsia e o desejo de serdes portadores de Cristo a esta sociedade atual, mais do que nunca necessitada d’Ele, mais do que nunca à procura d’Ele, apesar das aparências poderem talvez fazer crer o contrário.⁴⁹

É do encontro com Cristo, do experimentar sua vida, que os jovens poderão abrir-se as moções do Espírito e darem continuidade a evangelização em meio a toda sociedade. Fundamentados em Cristo, nos valores evangélicos, poderão encontrar o sentido da própria vida e assumir com determinação a missão recebida desde o Batismo, ou seja, de viverem conformados a Cristo, sendo sinal da Esperança que sustenta a Igreja e move a humanidade a seu fim último. Puebla não deixa de acenar para essa realidade ao afirmar:

Este é o Cristo que deve ser apresentado aos jovens como libertador integral que, pelo espírito das bem-aventuranças, oferece a todo jovem a inserção num processo de constante conversão; compreende suas fraquezas e oferece-lhe um encontro muito pessoal com Ele e com a comunidade [...]. O jovem deve experimentar Cristo como amigo pessoal que nunca falha, caminho de total realização. Com ele e pela lei do amor,

⁴⁸ DP 1183.

⁴⁹ JOÃO PAULO II, PP., Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de “Miguel Angel”, 3.

o jovem caminha em direção do Pai comum e dos irmãos. Com isto, sente-se verdadeiramente feliz.⁵⁰

Puebla, reafirma que os jovens devem se sentir Igreja, pertencentes ao Corpo de Cristo enquanto membros amados e necessários, encontrando nela um lugar de comunhão e participação. Movidos pelo “espírito das bem-aventuranças” são chamados a viver em santidade, a revelar ao mundo o Amigo que os antecipou em amizade e conquistou por completo. Assim, a Igreja mostra-se aberta em acolher o novo que chega, na certeza de que são membros do Corpo do Senhor, “solo sagrado” onde Cristo faz brotar o testemunho evangélico. É na Igreja que os jovens devem encontrar o espaço para ser o povo das bem-aventuranças, o povo que se encontra com Cristo, que o experimenta e o segue na entrega plena da vida em vistas do futuro prometido, já realizado em Cristo Crucificado-Ressuscitado. É na intimidade com o Amigo, amando com o amor do próprio Senhor e assumindo suas atitudes, as juventudes podem promover e defender a dignidade de toda a humanidade, não por ideologias, mas pela certeza de uma experiência que diariamente torna-se mais próxima de seu êxtase.⁵¹ Mais tarde, João Paulo II em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christifideles Laici*, nos falará da importância do diálogo com as juventudes, afinal ambos podem crescer nesta convivência. O Pontífice dirá que:

A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil.⁵²

Esses mesmos jovens necessitados de cuidado são aqueles que colaboram com a Igreja na continuidade de sua missão. A Igreja espera que os jovens sejam evangelizadores dos jovens, que na sociedade deixem as sementes do cristianismo, as marcas dos valores evangélicos, que se sentindo Igreja assumam as atitudes de Cristo, promovam e defendam a dignidade humana, contribuindo assim para a edificação da Igreja e a construção de um mundo sempre mais semelhante com o Reino esperado, na prática cotidiana da caridade, da fé e da esperança. Retomamos as palavras de Paulo VI para dizer da esperança de que a Igreja tem em poder contar com os jovens: “os jovens,

⁵⁰ DP 1183.

⁵¹ DP 1184-1185.

⁵² CfL 46.

bem formados na fé e na oração, tornam-se sempre mais os apóstolos da juventude. A Igreja conta muito com sua contribuição, e nós mesmos, muitas vezes manifestamos a nossa plena confiança neles”.⁵³ Suas palavras encontram-se com as afirmações de Puebla, que faz das juventudes uma das opções preferenciais da Igreja.

Vemos que a conferência de Puebla, assim como outros documentos eclesiais, é clara ao dizer sobre a esperança da Igreja nos jovens. Permite-nos perceber que a Igreja latino-americana vê nas juventudes um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização, porém, nos traz um diferencial em sua reflexão, quando coloca sua “opção preferencial pelos jovens com vistas a sua missão evangelizadora no Continente”.⁵⁴ Estamos diante de uma afirmação ousada e desafiadora, tanto quanto as juventudes o são e desafiam nossas acomodações: eles nos pedem autêntico testemunho de amor a Cristo e aos Irmãos, nos pedem santidade. Em nosso entender, optar pelos jovens significa abrir-se a todas as suas realidades, estar presente em todos os locais onde possam ser encontrados, e principalmente, desenvolver o papel de Mãe que educa no amor e na misericórdia, promovendo a liberdade oferecida por Cristo (Gl 5,1), testemunhando-lhes uma Esperança viva, que é o próprio Senhor. Parece-nos que a proposta de Puebla, mesmo tendo em vista a aproximação dos jovens por conta de seu empenho na evangelização, traz o grande desafio de ir ao seu encontro em suas plurais realidades, seja por meio de outros jovens, seja por meio de outros que respondem a vocação de evangelizar.

Puebla apresenta a Igreja como possibilidade de encontro entre criatura e Criador: “que os jovens nela [Igreja] busquem o lugar de sua comunhão com Deus e os homens, a fim de construir ‘a civilização do amor’ e edificar a paz na justiça”.⁵⁵ A Igreja deposita nos jovens a esperança de um futuro comprometido com o cristianismo. Um futuro aberto ao conhecimento de Jesus Cristo, à intimidade com o Senhor e a entrega de vida por amor a Ele e aos irmãos. A Igreja vê os jovens como membros indispensáveis do Corpo de Cristo, capacitados a empenhar a vida na construção da “civilização do amor”, onde a paz, fruto da justiça, brotará das atitudes de homens e mulheres que vivem em intimidade com o Senhor e por isso são comprometidos com o Reino de Deus. Os tem na conta de “fortes amigos de Deus”, preparando-os para que possam amar os “amigos do Amigo” com a doação da própria vida. Para isso, a Igreja tem por missão, apresentar ao jovem Cristo vivo, modelo de autenticidade,

⁵³ EN 72.

⁵⁴ DP 1186.

⁵⁵ DP 1188.

simplicidade e fraternidade; testemunhar Cristo, libertador de todo pecado e de suas conseqüências e que compromete a todos na libertação ativa dos irmãos.⁵⁶

Por fim, a conferência nos aponta uma Igreja que seja repleta de alegria e esperança, que saiba transmitir a mensagem da salvação de maneira alegre e jovial a um mundo muitas vezes triste, oprimido e desesperançado. Entendemos que a conferência de Puebla nos chama a termos atenção às realidades juvenis e ao esforço em buscar alternativas para se comunicar com as mesmas, de forma que não se limite em proferir discursos de profundo teor teológico, cuja linguagem pouco seja compreendida por aqueles jovens que muitas vezes estão preocupados com seu hoje, com seu alimento, com sua sobrevivência,⁵⁷ mas, que seja sempre mais testemunho coerente do Senhor Crucificado-Ressuscitado em meio a humanidade, uma Igreja Mãe e Pastora que vai ao encontro dos mais necessitados. Aqueles que são sua esperança necessitam ser alimentados pela Esperança cristã, e essa missão acompanha a Igreja desde os seus primórdios.

Na sequência nos deteremos na conferência de Santo Domingo, especificamente em seus apontamentos acerca dos jovens e da esperança neles depositada.

3. O jovem na Conferência de Santo Domingo

Queremos iniciar nossa reflexão acerca da esperança da Igreja nos jovens, a partir da conferência de Santo Domingo, fazendo memória das palavras de São João Paulo II no discurso inaugural acontecido em 12 de outubro de 1992. Recorrendo a exortação apostólica *Christifideles Laici*, o Pontífice lembrará que todos os fiéis estão comprometidos com a nova evangelização.⁵⁸ Logo, entendemos que a nova evangelização passa, sobretudo, pelo testemunho dos cristãos que anunciam Jesus Cristo com a própria vida, dando profundo sentido à fé professada, o que consideramos um caminho para chegar às juventudes e colaborar para que a sensibilidade a fé e a própria vocação venham à tona em suas vidas. Consideramos que essa é uma atitude de amor da Igreja, de verdadeira adesão à missão que Cristo lhe confiou em prol das novas gerações. Desta maneira, a esperança depositada nos jovens, não pode restringir-se ao mero interesse de expansão e perpetuidade, mas ao verdadeiro amor que inclui e educa para a crescente pertença a Cristo.

A proposta de uma nova evangelização, dirigida aos jovens de outrora, pode ser retomada em nossos tempos, pois os desafios são reais na

⁵⁶ DP 1194.

⁵⁷ DP 1205.

⁵⁸ CfL 64.

contemporaneidade e as juventudes estão no centro de muitas realidades que lhes causam profundos sofrimentos, sendo, na maioria das vezes, vítimas de ideologias que desfiguram o ser humano em sua identidade. São João Paulo II, no discurso inaugural de Santo Domingo, referiu-se aos jovens como sendo aqueles a quem se deve anunciar Jesus Cristo, a quem se deve libertar das ilusões do consumismo, oferecendo-lhes ideais nobres que possam ser apoio na conquista de seus desejos de uma sociedade mais justa e fraterna.⁵⁹ Novamente o Pontífice coloca como necessidade do trabalho de evangelização o encontro com o jovem em sua realidade e em suas aspirações mais profundas. Propõe que a Igreja persevere no anúncio do Evangelho, levando às novas gerações uma proposta de vida que o leve a escolher Jesus Cristo, como Caminho-Verdade-Vida de sua própria existência.

No decurso dos apontamentos referentes à esperança da Igreja nos jovens, no contexto de Santo Domingo, queremos aprofundar a reflexão acerca de uma nova evangelização, com vistas ao anúncio dos valores evangélicos entre todos os povos, inclusive entre os grupos juvenis, superando a mentalidade do “arrebanhamento”, ou seja, de atrair os jovens simplesmente como “peças” necessárias à continuidade da instituição. Trazemos para o centro da reflexão uma nova evangelização pautada no encontro com Jesus Cristo, a revelação do Pai, que se dá na história da humanidade, com vistas à salvação de todos. A Igreja que deposita nos jovens sua esperança quer os impulsionar para uma vida cujo princípio e fim é o próprio Cristo, de maneira que, ainda que exista a cruz a ser assumida junto ao Senhor, eles se reconheçam sempre mais membros de seu Corpo Místico. A Mãe Igreja sabe que Deus está em cada um de seus filhos e filhas, que é sua missão ir ao encontro de cada um, na esperança de neles encontrar-se com o Deus da revelação e deles ver emanar novos e autênticos testemunhos da vivência evangélica em meio ao mundo. Nossa Igreja é chamada a educar e fazer crescer a liberdade dos homens diante de Deus e isso acontece quando, no acolhimento misericordioso, mantém-se fiel à Verdade, que é Cristo Jesus.⁶⁰

Seguindo a conferência, afirmamos que é missão da Igreja ser semeadora da esperança que se apoia nas promessas de Deus, na fidelidade a sua Palavra e que tem como certeza a ressurreição de Cristo que é o fundamento de toda promoção humana,⁶¹ de tal forma que essa esperança fomenta no mundo,

⁵⁹ JOÃO PAULO II, PP., Discurso inaugural da IV conferência geral do episcopado latino-americano de Santo Domingo.

⁶⁰ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento de Deus, p. 174.

⁶¹ JOÃO PAULO II, PP., Discurso inaugural da IV conferência geral do episcopado latino-americano de Santo Domingo.

principalmente nas juventudes, o desejo e o empenho em fazer visíveis os valores evangélicos em toda sociedade. Pela força do Espírito, a Igreja pode empenhar-se na nova evangelização, estando em contínuo processo de conversão, buscando testemunhar a unidade na diversidade dos ministérios e carismas, vivendo intensamente seu compromisso missionário e dedicando-se a conhecer os jovens⁶² em suas realidades amplas e particulares, de maneira a encontrar caminhos para uma proximidade que seja fecundada pelo Amor de Cristo que une todas as gerações não obstante as diferenças que as marcam. Somente uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar, de sair de si mesma e de ir ao encontro do mundo,⁶³ é o testemunho de uma Igreja em saída que poderá contribuir para que muitos jovens deem sentido à própria vida e assim a missão será:

Prepará-los para serem os homens e mulheres do futuro, responsáveis e ativos nas estruturas sociais, econômicas, culturais, políticas e eclesiais do vosso país para que, formados pelo Espírito de Cristo e por sua inspiração consigam soluções originais, contribuindo para alcançar um desenvolvimento cada vez mais humano e cristão.⁶⁴

São João Paulo II dirige-se aos jovens afirmando-lhes que a fé cristã ensina que vale a pena trabalhar por uma sociedade mais justa, que vale a pena defender os inocentes, os oprimidos e os pobres, sempre como fruto do amor que nasce do verdadeiro encontro com Jesus Cristo. Ao referir-se às juventudes como “os jovens do continente da esperança”,⁶⁵ João Paulo II nos permite compreender que nossa Igreja é a Igreja da verdadeira Esperança, é a Esposa de Cristo, que em comunhão com a Igreja Triunfante e Padecente, peregrina neste mundo na certeza da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, por isso, pode esta Igreja ser para os jovens de todos os tempos, sinal da Esperança Cristã, que é o Senhor Crucificado-Ressuscitado. A Igreja crê nos jovens e é fonte de vida para os jovens, por isso os exorta, a fim de que estejam à frente

⁶² Aqui fazemos memória de João Batista Libanio, renomado teólogo que dedicou muito de sua vida a aproximar-se das juventudes, conhece-os e amá-los dentro e fora da Igreja. Esta parece ser uma boa fonte de pesquisa para aqueles que melhor desejarem compreender a realidade juvenil em suas mais diversificadas dimensões. Afonso Murad, em seu artigo “Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude”, nos ratifica na indicação deste caminho, bem como nos sinaliza alguns aspectos do pensamento de Libanio acerca das juventudes e seu valor para a atuação pastoral. MURAD, A., Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude, p. 590-608.

⁶³ DSD 23.

⁶⁴ JOÃO PAULO II, PP., Santa misa en el santuario de Nuestra Señora de la Altagracia, homilía del santo padre.

⁶⁵ JOÃO PAULO II, PP., Santa misa en el santuario de Nuestra Señora de la Altagracia, homilía del santo padre.

da civilização do amor, tão desejada pelos primeiros cristãos e expressa na espera da iminente vinda de Cristo, o que mais tarde traduziu-se na vivência do amor fraterno, sinal visível do fiel seguimento a Jesus em todos os tempos. A Igreja pede às juventudes que:

As dificuldades que os toca viver não sejam um obstáculo ao amor, à generosidade, mas sim um desafio a vossa vontade de servir. Deveis ser fortes e valentes, lúcidos e perseverantes. Não vos deixem seduzir pelo hedonismo, a evasão, a droga, a violência e as mil razões que se aparentam justificáveis.⁶⁶

Também em Santo Domingo, a Igreja reconhece que nem todos os jovens são iguais, que está diante de uma diversidade de grupos com características bem distintas,⁶⁷ mas nem por isso deixa de confiar neles, de reafirmá-los como sua opção preferencial,⁶⁸ assim como o fez a conferência de Puebla. Propõe-se para esse fim, de maneira afetiva e efetiva, promover a proximidade com as juventudes por meio do diálogo entre esses, seus pastores e a comunidade, dando ênfase à dimensão vocacional, ao acompanhamento dos adolescentes e jovens, no intuito de colaborar com seu amadurecimento afetivo, com sua formação humana e com seu crescimento na fé. Entra na pauta dessa opção também o esforço por capacitar os jovens para que possam conhecer e responder aos impactos culturais e sociais de suas realidades, ajudando-os a se comprometer não apenas com os serviços pastorais, mas também com as necessárias transformações da sociedade.⁶⁹

A conferência deseja que os jovens sejam evangelizadores dos próprios jovens e vê no sacramento da confirmação um momento importante para levá-los à missão de viver os valores evangélicos em todas as dimensões de sua vida. Convida-os a dinamização de “uma espiritualidade do seguimento de Jesus que propicie o encontro entre a fé e a vida, que seja promotora da justiça, da solidariedade e que anime um projeto promissor e gerador de uma nova cultura de vida”.⁷⁰ No esforço de uma evangelização pautada no respeito à diversidade juvenil, a conferência aponta para a importância de valorizar as novas formas celebrativas da fé que são próprias das culturas juvenis, não obstruindo a

⁶⁶ JOÃO PAULO II, PP., Santa misa en el santuario de Nuestra Señora de la Altagracia, homilía del santo padre.

⁶⁷ DSD 112.

⁶⁸ DSD 114.

⁶⁹ DSD 115.

⁷⁰ DSD 116.

criatividade e a pedagogia dos sinais, mas incentivando esses aspectos, obviamente sem deixar de respeitar a essência da liturgia.⁷¹

A Igreja tem a missão de anunciar aos jovens que o Deus da vida os ama e tem esperança em cada um, que lhes oferece a vida plena no amor que se realiza “por Cristo, com Cristo, em Cristo”, Caminho seguro para a realização da esperança do cristão de todos os tempos. A Igreja quer continuar apresentando aos jovens, como fez ao longo de dois mil anos para tantas gerações, Jesus Cristo como Caminho, Verdade e Vida, como aqui ‘Ele que pode responder aos seus anseios mais profundos e a sua necessidade de encontrar o verdadeiro sentido da vida.’⁷² A Igreja deposita nas juventudes sua esperança e busca caminhos para contribuir na formação desses novos discípulos-missionários do Senhor:

Para responder à realidade cultural atual, a pastoral juvenil deverá apresentar, com força e de um modo atraente e acessível à vida dos jovens, os ideais evangélicos. Deverá favorecer a criação e animação de grupos e comunidades juvenis vigorosas e evangélicas, que assegurem a continuidade e a perseverança dos processos educativos dos adolescentes e jovens, e os sensibilizem e comprometam a responder aos desafios da promoção humana, da solidariedade e da construção da civilização do amor.⁷³

Enfim, conforme vemos, a conferência convida os jovens para que sejam força renovadora da Igreja e esperança do mundo,⁷⁴ e reconhece que:

A sensibilidade dos jovens intui profundamente os valores da justiça, da não-violência e da paz. O seu coração está aberto à fraternidade, à amizade e à solidariedade. Deixam-se mobilizar ao máximo em favor das causas que concernem à qualidade da vida e a conservação da natureza. Mas, estão eles também cheios de inquietações, de desilusões, angústias e receios do mundo, para além das tentações próprias do seu estado.⁷⁵

Desta maneira concluímos a abordagem à quarta conferência episcopal latino-americana, compreendendo que os jovens ocupam na Igreja espaço preferencial, que devem ser compreendidos de maneira afetiva e efetiva, que desafiam a Igreja a sair de suas dependências para ir ao encontro de suas mais

⁷¹ DSD 117.

⁷² DSD 118-119.

⁷³ DSD 120.

⁷⁴ DSD 293.

⁷⁵ CfL 46.

diversificadas realidades, no intuito de testemunhar-lhes Jesus Cristo, o Crucificado-Ressuscitado, colaborando para que se tornem testemunhas fiéis do Senhor em meio a humanidade.

Conclusão

As Conferências Episcopais Latino Americanas abordadas neste artigo apresentam os jovens como parte integrante de seus cuidados. Cada uma, a seu modo, dedica-se a olhá-los a partir de suas realidades, de suas alegrias e tristezas, convidando toda a Igreja a empenhar-se em oferecer-lhes caminhos para o autêntico encontro com Cristo, único capaz de lhes garantir o verdadeiro sentido da vida.

Assumi-los como opção preferencial, empenhar-se em buscar novos meios de evangelização que os alcance, chama-los a assumir a vida a partir de Cristo para se tornarem seus discípulos em meio ao mundo, indicar-lhes o caminho para a verdadeira felicidade que é fazer-se dom para os semelhantes a partir da experiência com Cristo, são alguns dos passos dados por essas conferências na afirmativa de que eles são esperança da Igreja.

Não podemos compreender uma Igreja distante das realidades juvenis, de seus desafios e esperanças, já que essa tem a missão de oferecer às novas gerações a oportunidade de crescerem na fé por meio de uma verdadeira experiência de Cristo, ajudando-os a darem os frutos de uma vida enxertada em seu Corpo a partir do Batismo. É este o rosto da Igreja que encontramos nos documentos estudados: uma Igreja que é Esperança para as novas gerações e que os assume como filhos e filhas onde sua própria esperança está depositada.

Referências bibliográficas

AMADO, J. P. Aspectos antropológicos para a evangelização junto às juventudes: reflexões a partir do Sínodo dos Bispos de 2018. **Atualidade Teológica**, v. 23, n. 61, p. 39-61, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/37784/37784.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 22 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.37784>

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CELAM. **Conclusões da conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2004.

CELAM. **Conclusões da conferência de Medellín:** trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 2004.

CELAM. **Conclusões da conferência de Santo Domingo:** nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONCEIÇÃO, E. Juventudes e Discernimento Vocacional. **Pesquisas em Teologia**, v. 1, n. 2, p. 135-146, jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/701/554>>. Acesso em: 22 abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2018v1n2p135>

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, Decretos, Declarações**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DANIESLKI, G. O jovem, lócus teológico da esperança cristã, no Pontificado do Papa Francisco. **Pesquisas em Teologia**, v. 1, n. 2, p. 113-134, jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/711/553>>. Acesso em: 19 mar. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2018v1n2p111>

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes no congresso internacional da pastoral vocacional**, 21 de outubro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/pa-pa-francesco_20161021_pastorale-vocazionale.html>. Acesso em: 19 mar. 2019.

JOÃO XXIII, PP. **Constituição Apostólica *Humanae Salutis***, 25 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html>. Acesso em: 02 jan. 2015.

JOÃO PAULO II, PP. **Discurso, Visita à escola católica de “Miguel Angel” da cidade do México**, 30 de janeiro de 1979. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790130_messico-studenti-cattolici_po.html>. Acesso em: 02 dez. 2014.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici***. São Paulo: Paulinas, 1999.

JOÃO PAULO II, PP. Discurso Inaugural pronunciado no Seminário Palafoxiano de Puebla de Los Angeles, México, 28 de janeiro de 1979. In: CELAM. **Conclusões da conferência de Puebla:** evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 13-33.

JOÃO PAULO II, PP. Discurso Inaugural. In: CELAM. **Conclusões da conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 279.

JOÃO PAULO II, PP. Discurso, IV Conferência Geral do episcopado latino-americano de Santo Domingo, 12 de outubro de 1992. In: CELAM. **Conclusões da conferência de Santo Domingo**: nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 11-39.

JOÃO PAULO II, PP. **Homilia, Santa missa en el santuario de Nuestra Señora de la Altagracia, homilía del santo padre**, 12 de outubro de 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1992/documents/hf_jp-ii_hom_19921012_altagracia_sp.html>. Acesso em: 02 jan. 2015.

MIRANDA, M. F. Em vista da nova evangelização. **Perspectiva Teológica**, v. 45, n. 125, p. 14-23, jan./abr. 2013. DOI: <https://doi.org/10.20911/21768757v45n125p13/2013>

MOINGT, J. **Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento de Deus**: aparição. São Paulo: Loyola, 2010. v.2.

MURAD, A. Libanio, o teólogo que pensou sobre/com a juventude. **Atualidade Teológica**, v.18, n. 48, p. 590-608, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24456/24456.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 22 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.24456>

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***, 08 de dezembro de 1975. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html>. Acesso em: 02 jan. 2015.

PAULO VI, PP. **Mensagem aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-i_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani_po.html>. Acesso em: 03 set. 2018.

PAULO VI, PP. Discurso, Abertura da II conferência. In: CELAM. **Conclusões da conferência de Medellín**: trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 2004. p. 9-25.

SINODO DOS BISPOS. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**. São Paulo: Paulinas, 2019.

Gislene Danielski

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: gislenedanielskifdz@gmail.com

Recebido em: 21/03/19

Aprovado em: 22/04/20